

## **CORES TUMULTUOSAS NO PARAÍSO: uma leitura da nação nas memórias do Visconde de Taunay**

Iza Quelhas (UERJ/FFP)

Entre os textos que propiciam interessantes desdobramentos para os estudos literários e a história, destacamos as memórias. Não é recente o fato de que a produção intelectual dos historiadores da micro-história, desde a década de sessenta do século passado, é marcada por uma “forte reação contra a globalização e ênfase nos valores das culturas regionais e dos conhecimentos locais” (BURKE, 2005, p. 61). O foco é a experiência concreta, individual ou local (Idem), definindo o seu campo em relação à história social marxista. O microscópico, a relação de proximidade com o diminuto e o subalterno metaforiza escolhas políticas investigadas não nos quadros gerais ou nos acontecimentos grandiosos, mas sim nos pequenos gestos, nas ações entre pessoas, modos de pensar, de contar, acontecimentos, cenários e atores ignorados durante séculos. Neste movimento aproxima-se também a antropologia, com seus estudos sobre as culturas populares, que estabeleceram com a teoria literária um diálogo profícuo, mas pouco mencionado, como a proposta de Kenneth Burke, na década de quarenta, que utilizou a “abordagem dramática da cultura” (BURKE, 2005, p. 52), e a de Clifford Geertz que, ao se voltar para as brigas de galo em Bali, considerou-as um “drama filosófico”. Os elos entre a literatura e a história cultural, a antropologia cultural e a teoria literária, há décadas, desenham uma desmontagem política, num mundo estilizado. Perguntamos, hoje, com Geertz: “que é um país, se não é uma nação?” (GEERTZ, 2001, p. 196”).

No século XIX, na passagem do império para a república, a imagem de nação foi problematizada em várias nuances nos textos literários. As cores propostas pelas obras românticas não se alteram em fins daquele século, tornam-se tumultuosas por sua intensidade. Na fase final do Romantismo, o regionalismo romântico insere, com uma dicção mais acentuada, o local e o que lhe confere singularidade em relação ao nacional. No movimento literário realista, os escritores irão incluir o povo, como personagem, onde no regionalismo romântico se viam paisagens e personagens enraizados no modo de vida rural.

Desde o século XIX, o drama das culturas nacionais encontrou seu lugar nas academias, a partir de conceitos fundados principalmente durante o movimento do Romantismo. Encontramos nos textos memorialísticos e/ou autobiográficos questões decisivas para se compreender a formação social, a relação com a terra, a gente, a escrita, o lugar, os sentimentos, pensamentos e ações que movem seres humanos durante a sua breve existência. Durante a passagem do império para a república, a experiência de desterro é comparável a de um luto, há uma perda e dela não se pode escapar, muito menos contornar, a intensidade dos eventos assemelha-se à extensão de um território vasto. Nossa proposta é a de investigar o modo de operacionalizar as relações entre o ficcional e o vivido, do subjetivo e do histórico, num tempo de transição, de transformações sociais no espaço público e privado. A narrativa memorialística ou autobiográfica elabora, oculta, destaca ou dissimula os modos de apropriação e interpretação de autores inseridos no seu tempo, destinando-se não aos seus contemporâneos, mas sim àqueles que formarão o público leitor na posteridade, o futuro. A construção e a interpretação de eventos não são alheias às tramas do ficcional e do romanesco, no movimento que faz exceder o que se pode denominar documento autobiográfico, não assegurado, em momento algum, o estatuto de verdade ou

sinceridade: há um eu que narra, seleciona, comenta, declina ou simplesmente esquece. Se a “memória escrita é narração” (AGUIAR, 1998, p. 25), e a ação ou o gesto de narrar, do verbo latino *narrare* (expor, contar, relatar), denominado pelos antigos gregos de *épikos*, o memorialismo, como prática de escrita e como prática social, está ligado à épica, tal como a novela, o conto ou o romance. De forma similar, não idêntica, a narrativa memorialística exige o narrador que apresenta os acontecimentos e as personagens, pressupondo-se dois tempos: “o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados.” (AGUIAR, Idem). No entanto, consideramos que o movimento da memória desdobrado na narração promove a construção do passado, não a sua reconstrução, pois o passado não permanece estático a nossa espera.

Desde as primeiras décadas do século XIX, os limites e fragilidades do império foram visivelmente abalados, substituindo-se antigas certezas por outras, mas, entre os escritores românticos, havia os que se identificavam com a república, e aqueles que se mantiveram com os valores do império, justificando até o limite de suas vidas suas próprias escolhas. No segundo grupo, encontra-se o Visconde de Taunay.

A instauração da República, em 15/11/1889, acarretou a queda das instituições monárquicas, a perda de prestígio político e social dos intelectuais monarquistas, incluído o nome de Alfredo Maria Adriano Escragno de Taunay, o Visconde de Taunay (1843-1899, RJ), autor de *Inocência* (1872), obra prima do regionalismo romântico. Desde 1870, crescera o número de adeptos aos ideais republicanos, principalmente com a formalização das atividades do Partido Republicano, acentuando queda de prestígio do clero e a ascensão da ciência como explicação para os sofrimentos humanos.

Ao ser proclamada a República, Taunay afasta-se da cena política para escrever suas memórias que depois de escritas ficarão sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838) até o momento de sua publicação em 1943. Nas memórias, o escritor não esconde as marcas de ressentimento e desencanto com a queda da monarquia e a perda principalmente de um modo de vida único, singular. Em suas memórias e seus textos não ficcionais, ocupa-se em mostrar aos leitores um país belo e vario, repleto de matizes, assim como as cores que descreve tendo a pena como pincel, daí a imagem qualificada de cores tumultuosas, que representa os sentimentos do escritor em relação à perda não de cargos e prestígios, mas de uma imagem de nação. O nó da questão instaurada naquele momento de transição confere à análise de Taunay um perturbador viés profético. Leitores inseridos na atualidade da vida social no Brasil, constatamos o quanto a corrupção instaurada nas práticas políticas nos leva a desejar mudanças mais efetivas no cenário político. Já se ouve e se lê, aqui e ali, as defesas para o parlamentarismo, resultado de insatisfações com regimes personalistas. O culto à personalidade, ao carisma, a centralização de poder na pessoa e não nos programas políticos desgastaram a república, não apenas no atual momento, trazendo notícias de um modo de fazer política ultrapassado, mas ainda vigente.

Em suas *Memórias*, no capítulo XVIII, destacamos um trecho que evidencia a amargura, assim como uma lucidez extrema do que seria um dos principais problemas do regime recém-instaurado, não se confirmando uma impressão apenas momentânea das mazelas que marcam o período de transição.

Dissipou-se a límpida atmosfera de honestidade que cercava os primeiros funcionários do Império, a exemplo dos incessantes rasgos de desinteresse do Senhor D. Pedro II. E multiplicaram-se os exemplos de concussão e desbarato dos dinheiros públicos que em poucos meses enriqueceram uma

nuvem de agiotas e especuladores, que, a todo o transe, queria por em leilão este pobre Brasil!

Acusavam por último o Imperador de não governar mais e deixar tudo ao cuidado dos ministros do Estado. Queixume de quem a cada instante precisava sentir o domínio do potentado, do senhor! Então para quê essa discussão perene sobre poder pessoal, essa censura incessante, essa batalha diária ferida pela *soi-disante* dignidade dos políticos? (TAUNAY, 1948, p. 74)

Nas *Memórias* o regime republicano recebe a “apática indiferença do povo e o adesismo dos políticos (“alguns senadores e conselheiros do Estado até, que vergonha!”), Idem). A *apática indiferença* corrobora as palavras do historiador José Murilo de Carvalho que aponta, desde 1822, data da independência, até 1945, ponto final da grande transformação iniciada em 1930, pelo menos três imagens de nação: a “primeira poderia ser caracterizada pela ausência de povo, a segunda pela visão negativa do povo, a terceira pela visão paternalista do povo” (CARVALHO, 1995, p. 14). A infância de Taunay, narrada com a nostalgia de uma felicidade perdida para sempre, serve como modelo de um lugar idílico – a casa onde morou em Jurujuba, em Niterói – descrito por quem conhece a arte da pintura e das belas-letas, sem descartar a formação erudita que o levou a exercer o cargo de professor de História e Geografia no Colégio Pedro II, assim como a exercer a função de Engenheiro em missões militares.

Nas narrativas não-ficcionais, registra-se o olhar de um homem formado para ser um escritor. Atento às questões e à importância do simbólico, a palavra, para Taunay, requer o manuseio de um pincel, pois o escritor sabe o quanto a imagem é poderosa para a percepção humana. A imagem da nação é principalmente um princípio espiritual, tal como as palavras de E. Renan citadas por H. Bhabha, que se herda: as memórias do passado confirmam o movimento de perpetuação da herança, motivo para se desejar viver em sociedade – “(...) a posse em comum de um rico legado de memórias(...), o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisa, a herança que se recebeu” (BHABHA, 1990). Taunay percebe o quanto a República se torna inseparável do processo de modernização em curso, naquele momento, antagonizando as relações entre o espaço e o lugar. Não se trata apenas de idealização romântica, mas uma valorização do modo de viver interiorano que preserva as relações face-a-face com o presente e o visível nas relações humanas com o lugar: os processos de identificação que constroem os sentimentos de pertencimento numa nação, num país.

A cultura, assim como a paisagem, pode ser lida como um texto, de acordo com a perspectiva desenvolvida pelos estudos de Paul Ricoeur e pela antropologia interpretativa de Clifford Geertz. Tanto a identidade do lugar quanto a identidade com o lugar propiciam enfoques interessantes para os estudos literários e para os estudos da história e da geografia cultural para citar apenas alguns eixos interdisciplinares (CORRÊA & ROSENDAHL, 2004, p. 10). Em seus textos não ficcionais, Taunay escreve e faz de cada pedaço de terra brasileira, visto durante suas viagens, em sua maioria expedições militares, uma paisagem lida e descrita com minúcias, no vão desejo de reter a passagem do tempo, o curso da história, em coágulos da natureza. No plano social e cultural, o intercâmbio das idéias de Ferdinand Denis e Almeida Garrett, no Brasil, circula pela intelectualidade, da qual Taunay faz parte, assumindo-se a consciência de lugar, traduzida por nacionalidade que tanto une quanto separa a literatura e as práticas políticas não apenas durante o movimento do Romantismo.

Em suas missões pelo interior do Brasil, destacamos nos textos de Taunay o “gosto da maravilha e do mistério” (HOLANDA, 1996, p. XXV) tão peculiar e presente na literatura de viagens. No entanto, Taunay traduz a maravilha e o mistério em um sentimento difuso de pertencimento. Constrói um retrato, em movimento, de um mundo (quase) sem mal, atravessado pelo temor, rico em sua diversidade natural que, aos olhos do escritor, evoca personagens de um romantismo popularizado no país, o que permite a legibilidade da referência a Romeu e Julieta no texto a seguir transcrito. O gosto pelo pormenor – a descrição das cores dos pássaros, dos animais, das nuvens etc. – é arrematado pela explicação que dá o tom e a tudo anima, introduzindo, aqui e ali, elementos que precedem Augusto dos Anjos e sua terminologia científica na linguagem poética. Escreve Taunay: “E banha a terra o orvalho do crepúsculo como perfumosa aura. E nos campos a mimosa sensitiva fecha com cuidado os delicados folíolos, dobra o peciolo e vai dormir. A noite já chegou.” (grifos nossos) O trecho anterior assim como o seguinte pertence ao livro *Céus e terras do Brasil* (1882), e neles destaca-se a importância da natureza, apresentada por um escritor atento aos detalhes, numa mistura de cientificidade e arrebatamento de artista romântico, que escreve como se pintasse:

Subitamente reaparecem em bandos, não se sabe vindos de onde, os modestos cantores de aurora, os coleiros, pequenets, vestidos de casaca pardacento-escura, frente acinzentado-clara e cerimoniosa gravata preta ao pescoço; os canários-da-terra, de um amarelo que puxa para o vermelho, audazes e brigadores; os Serra-serras, azuis, quase negros (...) (1948).

O registro do movimento inesperado e do múltiplo (o vôo dos pássaros) – “naquela possante natureza há momentos de indizível felicidade. Goza ela em toda a plenitude dos desejos.” – é sintetizado nas imagens de Romeu e Julieta, ao mesmo tempo em que se reafirmam as crenças e os valores daquele que escreve: “É Julieta debaixo do olhar arroubado de Romeu, mas já com inquieto pensamento... Prepara, estremecida amante, o teu beijo mais acariciador e doce, teu arrulo mais turturino, teu afago mais sedutor, tuas blandícias mais ternas.” (Idem) Em suas memórias, a topografia edênica é ampliada no entorno de paisagens onde a vida civilizada, sob a óptica da marcha para o progresso, é vista com acidez melancólica. Caberá à natureza e ao homem agreste simbolizar o lócus da esperança: “(...)experimentei ali, na prática das idéias e teses de Jean-Jacques Rousseau, a doçura da vida não civilizada e o contato do homem bom de índole, mas inculto e agreste.” (Memórias, p. 260)

Nesses pequenos trechos, avulta o interesse de Taunay por um Brasil (o todo) representado pela natureza (a parte), e é nessa natureza que avulta a multiplicidade, numa riqueza anárquica, indicando uma concepção de natureza que une o detalhe à impressão geral, o efeito é a magia: a natureza enfeitiça.

Mas não apenas a natureza enfeitiça Taunay. Em passagem extraída de suas *Memórias*, ao narrar as aventuras como militar no interior do Brasil, Taunay retoma o encantamento que vivencia ao conhecer Antonia, uma “bela rapariga da tribo chooronó (guaná propriamente dita) e da nação chané”. Trata-se de uma jovem de apenas quinze ou dezesseis anos, já tornada amante de um tenente chamado Lili, que se gabara anteriormente da formosura de sua conquista. Essa “posse” é rapidamente ultrapassada pelo jovem que afirma: “verdadeiro rapto esbocei” (p. 283). Ocorre, então, uma imitação dos gestos dos colonizadores chegados à terra brasileira, Taunay oferece presentes, nada mais nem menos do que um colar de contas de ouro:

A fim de vencer a relutância de Antônia, levava-lhe um colar de contas de ouro que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinquenta mil réis. Foi argumento irresistível! Assim mesmo ela, ainda que toda embelezada do apetrechado ornato, adiou para o dia seguinte o sim, mas pediu para ficar desde logo com o fascinador colar. (Idem)

Tal situação desdobra-se em acontecimentos e sente-se Taunay envolvido, cada vez mais, por essa jovem que se assemelha à personagem emblemática do Romantismo, Iracema. A diferença é o grau de verossimilhança que marca a descrição a partir de “cabelos ásperos”, como anota o jovem escritor. A sua identidade com o lugar permite que contemple a natureza e compare seus elementos a personagens ilustres do romantismo inglês, mas a sua identidade pessoal, filho de família ilustre que gozava de prestígio junto ao imperador, o leva a agir como os primeiros estrangeiros, viajantes ainda pelo país. Os desterrados são os outros.

Durante sua formação, Taunay recebera educação privilegiada, estuda no Colégio Pedro II, seu pai e o imperador o protegem, mas a educação é severa, e o pai o pune por qualquer desleixo ou indisciplina. A formação de hábitos é a tônica dessa educação que privilegia a domesticação do corpo e da personalidade. O pai prestou serviços ao imperador, durante anos, em compensação, “o senhor D. Pedro II lhe deu provas de inextinguível estima e consideração, sempre e sempre, e não pouca paciência exercitou para com ele, quando, em avançada idade, meu Pai se achou sob a obsessão de idéias fixas e teimosas.” (M., p. 11). Em outra passagem narra um episódio em que ocorre a punição paterna:

Nesse tempo de Jurujuba, já estava eu às voltas com os estudos, começando o do latim na História Sagrada de Lhommd. O tal Epítome, apesar de toda a simplicidade mais que elementar, dava-me trabalho enorme, provocando da parte de meu pai contínuas recriminações, no meio de exclamações de cólera e indignação – ‘*Tu n’es qu’un imbécile!*’ era afirmação que voltava a cada instante. Às vezes a lição interrompia-se com as minhas lágrimas, e minha Mãe vinha, com toda a solicitude, procurar ajudar-me. (p. 12)

No entanto, o mesmo pai que castiga também acompanha e anota, com idêntico rigor, os progressos do filho no adestramento do corpo, nos exercícios físicos como a natação:

(...) para robustecer-me, levava-me, diariamente, meu pai, a tomar banhos de mar na praia de Chichorra e, enquanto eu estava n’água, lia ele Homero num livrinho de edição estereotipada, em que assentou a data da primeira vez que comecei a nadar, acompanhado do indefectível Tomás, meu companheiro de meninice, depois excelente auxiliar da casa até o último dia de vida, a 6 de dezembro de 1886. (p. 14-15)

Os hábitos do pai sinalizam o quanto as práticas cotidianas repetem outras, maiores, nos quadros vastos das relações de poder. No capítulo intitulado “A escrita de si”, Michel Foucault reúne estudos em torno das artes de si mesmo, isto é, investigações sobre a estética da existência e do governo de si e dos outros, sendo o recorte temporal

os primeiros dois séculos do Império greco-romano, mais tarde reunidos sob o título de história da sexualidade (FOUCAULT, 1992). Ao indagar sobre o que é um autor, Foucault estuda a escrita e sua função etopoética, como um operador de transformação da verdade em ethos (Idem, p. 134), destacando, então, os *hypomnemata* e as cartas ou a correspondência pessoal.

Os *hypomnemata* podiam ser “livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” (p. 134-135), constituindo uma memória material “das coisas lidas, ouvidas ou passadas” – um verdadeiro tesouro acumulado – que se oferece, sempre que necessário, à releitura e ao exame. Tais anotações poderiam servir como uma *provisão de néctar bastante para alimentar a alma e o corpo*, para que possa voltar, é inevitável, *ao cortiço da existência* e lutar contra as imperfeições, nossas e dos outros, contra a inveja, a cólera, a tagarelice, a bajulação, assim como vencer uma etapa difícil, um luto, um exílio, a ruína ou a desgraça (p. 135). Podemos vislumbrar na formação de Taunay o quanto a disciplina do corpo está presente também na motivação que o leva a registrar, atualizando a função dos *hypomnemata*, por sua materialidade e objetiva utilidade no corpo das memórias. Taunay não registra apenas como se tornou escritor, mas sim como se tornou um homem cujos valores identificam-se com os do império, mesmo que esse regime se encontre em declínio irrevogável. Diferente do movimento de introspecção que as cartas pessoais normalmente requerem, os *hypomnemata* reúnem tópicos, comentários ou argumentos que delineiam modelos de comportamento para uma reflexão posterior. Se em sua relação com Antônio a atração é mais forte e impulsiona, sem censura, seus gestos, tal não ocorre com sua consciência em relação à natureza, pois se trata de uma consciência que teme, aprendizado ao qual ele recorre, várias vezes, para narrar a si mesmo e aos seus pensamentos e atitudes. A descrição do pôr-do-sol em *Céus e terras do Brasil*, é atravessada por um animismo que aproxima Taunay a Homero, pois ambos crêem que o “sonho se ergue no quarto de Agamémnon”, isto é, o “sonho traz do céu a vontade caprichosa dos deuses” (LENOBLE, 2002, p. 55), e a consciência que os marca é a do temor. Apenas o que unifica – no caso o Sol ou no plano dos homens, o Rei, o monarca, ou no plano divino, Deus – pode dar uma direção à complexidade e variedade do mundo natural e social.

No plano social, para Emília Viotti da Costa, no livro *Da monarquia à república*, as “idéias republicanas não constituíram aspecto novo no país”, no período “colonial elas representavam a bandeira da emancipação. Feita a independência, passaram a significar a negação da situação vigente” (COSTA, 1999, p. 458). É importante lembrar, também, que, no Manifesto Republicano de 1870, a necessidade de federação contrastava com as diferenças regionais que impunham uma autonomia local (Idem, p. 471), tendo em vista as diferenças e discrepâncias entre as regiões de um país de dimensão continental. Tal discussão permeou a produção artística de vários escritores românticos, entre eles, José de Alencar. Em *Inocência*, são condensadas as diferenças regionais num sertão que prima pelo detalhe, diferencia e ao mesmo tempo unifica contrastes, mantendo, apenas no plano literário, um centro decisório invisível: o império.

A consciência da natureza, em Taunay, é uma consciência moral, o que é perfeitamente contornado em suas atitudes com o outro, no caso do episódio em que seduz Antônio com um colar. Taunay é um homem cuja observação realista do mundo não o impede de continuar o sonho – o néctar – de viver conforme a serena infância. É ao pai e ao imperador que ele presta contas em suas memórias, e a nós, leitores, tenta atrair com a promessa de um país e um tempo perdido. Nós, leitores de Taunay, também

experimentamos o sentimento de desterro e isso pode nos aproximar, mas não nos torna contemporâneos. Taunay é anacrônico em sua própria época e esta, talvez, seja uma qualidade que nos envie notícias de nós mesmos, neste país de descompassos no qual convivem temporalidades não só distintas, mas antagônicas.

Numa breve retomada das marcas do Romantismo, destacamos do capítulo intitulado “O que é Romantismo? Uma tentativa de redefinição” (SAYRE & LOWY, 1995), o aspecto multifacetado do movimento – a *coincidentia oppositorum* – que o distingue de todos os outros pelo excesso: realista e fantástico, republicano e monarquista, místico e sensual, entre outros. A dificuldade consiste em identificar a força unificadora que abarca tamanha variedade de características. Entre os autores e textos considerados relevantes para a tentativa de redefinição proposta, destacam-se G.Lukács, que afirma ser o romantismo uma oposição ao capitalismo; enquanto, Lucien Goldmann aponta a visão de mundo construída pelo movimento romântico como decisivo para sua atualidade. A hipótese de redefinição dos autores é a de que o romantismo é uma reação contra o modo de vida da sociedade capitalista, constituindo também uma forma específica de crítica da modernidade, entendendo-se a modernidade como a “civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado” (Idem). Como assinalado por Max Weber, as principais características da modernidade são marcadas pelo espírito de cálculo, pelo desencantamento do mundo, pela racionalidade instrumental e pela dominação burocrática, o que mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, será explorado a exaustão por Franz Kafka, dentre outros.

Na obra de Taunay, a idealização da infância, de tudo que é nascente, emerge como um valor que o aproxima mais uma vez a Jean-Jacques Rousseau: trata-se da subjetividade individual e da profundidade complexa dos afetos que alimentam o imaginário, com uma variada gama de cores tumultuosas. As epígrafes escolhidas para abertura do romance *Inocência* são significativas, uma de autoria de Goethe, trecho de *Fausto*, da segunda parte, e de Jean-Jacques Rousseau, de *O encanto da solidão*, que citamos a seguir:

Então com passo tranqüilo metia-me eu por algum recanto da floresta, algum lugar deserto onde nada me indicasse a mão do homem, me denunciasse a servidão e o domínio; asilo em que pudesse crer ter primeiro entrado, onde nenhum importuno viesse interpor-se entre mim e a natureza. (TAUNAY, 1999, p. 7)

Para Taunay a subjetividade individual cria as incontáveis possibilidades do ver, o que faz com que se fortaleça a idéia de comunidade sensível, a partir da percepção de uma natureza fértil em sua diversidade: se homens e coisas permanecem, as cores indicam o tumulto da existência. Na visão do autor de *Inocência*, a nação é espiritual, mas a natureza dá-lhe um corpo, um território de formas, texturas, uma em significado em sua relação com o transcendente. Na passagem na qual descreve o cair da tarde, lê-se: “o Deus a quem adoras, o rei, o senhor que te possui, te anima e vivifica, tem que partir!”. O autor enaltece a natureza, narra a passagem do tempo, enfatiza, no mundo natural, os símbolos que estão por todo o lado associando-os à esfera política – o Rei – assim como a um poder transcendente – Deus – que são o todo no olhar desse escritor. A descrição minuciosa, como a de um viajante estrangeiro, submete-se à vontade de manter o Império em tempos de divisão e de dispersão, quer pela ciência, quer pelo

desejo de mudança que trará novos e antigos problemas. Elabora-se, portanto, o que fazemos das nossas tradições, pois como afirma Stuart Hall: “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de *se tornar*” [grifos nossos] (HALL, 2003, p. 44), olhar o mesmo em mutação, olhar o diverso a procura de *nós*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória* – um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo : EdUSP/FAPESP, 1998.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre : L&PM, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaio sobre a literatura e história da cultura. V.I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo : Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2005.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. Das origens ao Realismo. História e antologia. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: nações imaginadas”. *Revista contemporânea de antropologia e ciência política*. V.1, n.1, Rio de Janeiro : UFF, jan.-jun.1995, p. 7-36.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2004.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo : Fundação UNESP, 1999.

COSTA LIMA, Luiz. *Pensando nos trópicos*. Dispersa demanda II. Rio de Janeiro : Rocco, 1991.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. José A. Bragança de Miranda e Antonio Fernando Cascais. 2e. Lisboa : Passagens/Veja, 1992.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *Da diáspora* – identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte : Editora UFMG; Brasília : Unesco, 2003.



HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso* – os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1996.

LENOBLE, Robert. *História da idéia da natureza*. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa : Edições Setenta, 2002.

LINS, Ronaldo Lima. *O felino predador* – ensaio sobre o livro maldito da verdade. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. “O fracasso de Rousseau”. In: *Nossa amiga feroz*. Breve história da felicidade na expressão contemporânea. Rio de Janeiro : Rocco, 1993, p. 154-175.

QUELHAS, Iza. “Memórias do Visconde de Taunay: a infância no tempo do império”. In: Anais do VI Congresso da ABRALIC, 1999. Edição em *cd-rom*.

RENAN, E. “What is a nation?”. In: BHABHA, H.(Org.) *Narrating the Nation*. Londres : Routledge, 1990.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

SAYRE, R.; LÖWY, M. *Revolta e melancolia*. O romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis : Vozes, 1995.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Walter Benjamin e os sistemas de escritura”. In: SUSSEKIND, Flora & DIAS, Tânia. *A historiografia literária e as técnicas da escrita*. Do manuscrito ao hipertexto. Rio de Janeiro : Ed. Casa de Rui Barbosa, Vieira e Lent, 2004, p. 293-312.

TAUNAY, Alfredo de Escagnolle, Visconde de. *Memórias*. São Paulo : Instituto Progresso Editorial, 1948. Coleção Espelho.

\_\_\_\_\_. *Céus e terras do Brasil*. São Paulo : Melhoramentos, 1948.

\_\_\_\_\_. *Inocência*. Porto Alegre : L&PM, 1999.